

# escrita 46

guatá - cultura em movimento - abril de 2017

## palavras

**Adna Rahmeier**  
**Andrea Palmar**  
**Diana Araújo Pereira**  
**Jazmín Gutiérrez**  
**José Maschio**  
**Karina Moschkowich**  
**Lara Aragão**  
**Lisete Barbosa**  
**Mano Zen**  
**Montezuma Cruz**  
**Paola Benítez**  
**Paulo Bogler**  
**Potyra Tê Tupinambá**  
**Raphael Vilela**  
**Santiago Salles**  
**Sidney Giovenazzi**  
**Silvio Campana**

## olhos

**Amanda Engel**  
**Augusto Johann**  
**Áurea Cunha**  
**Dieguito**  
**Guilherme Januário**  
**Kari Canelini**  
**Lalan Bessoni**  
**Larissa Usanovich**  
**Pigmeu**  
**Sandra Severo**





# Suqtel

Segunda a Sexta, das 7 às 18h30  
Aos Sábados, até 14h30

Aceitamos  
cartões de crédito

Café  
Sucos naturais  
de frutas e de polpas  
Refrigerantes

Doces & Salgados  
Lanches  
Refeições Rápidas

**Pastéis Especiais**  
preparados na hora

Em Foz do Iguaçu:

**L1 - Rua Quintino Bocaiúva, 653 - Fone: (45) 3572.5272**

**L2 - Rua Xavier da Silva, 649 - Fone: (45) 3523.9101**

**SUQTEL TAMBÉM EM SANTA CATARINA:**

Joinville - Fone: (47) 3433.4650 / Blumenau - Fone: (47) 3336.0975

## Jornalismo e Análise

Agenda, vídeos, textos analíticos  
e reportagens exclusivas  
sobre a região das Três Fronteiras

# Front Press

O site da região trinacional

[www.frontpress.com.br](http://www.frontpress.com.br)

## Áurea Cunha

fotografias



Retratos - Reportagens - Publicidade  
Filmagens - Tratamento e edição de imagens digitais

**Fone: (45) 99977.4490**  
[aureamcunha@yahoo.com.br](mailto:aureamcunha@yahoo.com.br)





dleguito

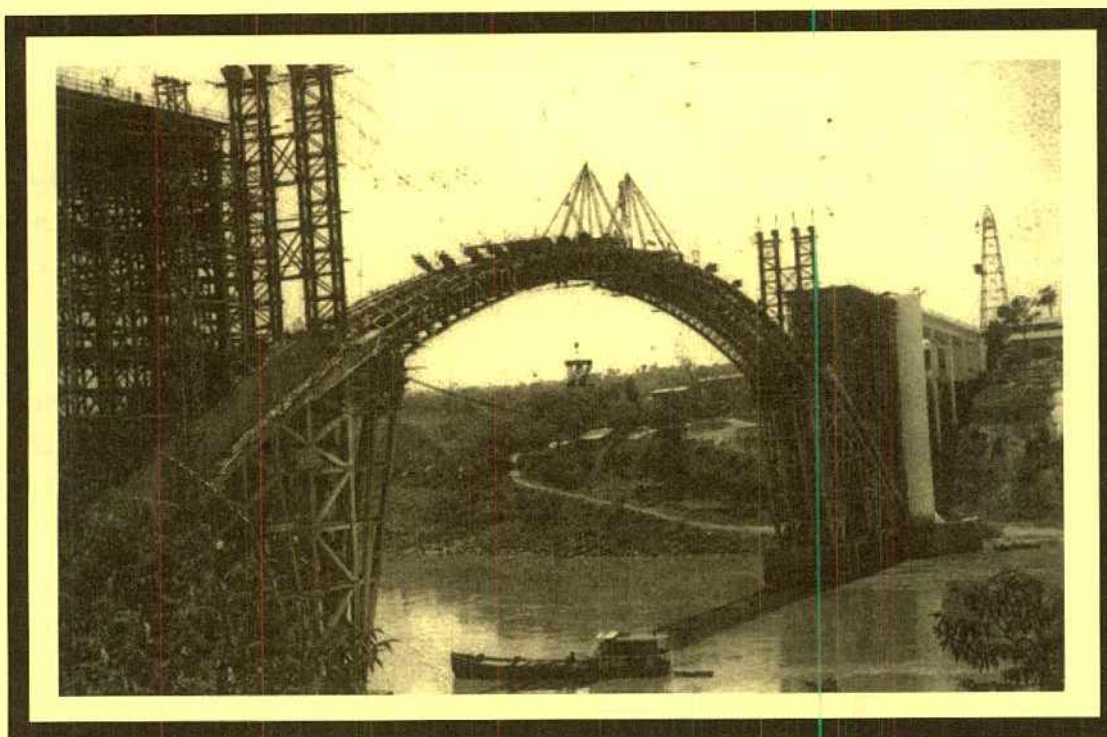
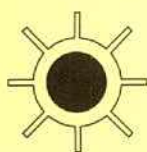
## defesa da alegria

Defender a alegria como uma trincheira  
defendê-la do escândalo e da rotina  
da miséria e dos miseráveis  
das ausências transitórias  
e das definitivas  
Defender a alegria como um princípio  
defendê-la da surpresa e dos pesadelos  
dos neutros e dos nêutrons  
das doces infâmias  
e dos graves diagnósticos  
Defender a alegria com uma bandeira  
defendê-la do raio e da melancolia  
dos ingênuos e dos canalhas  
da retórica e das paradas cardíacas  
das endemias e das academias  
Defender a alegria como um destino  
defendê-la do fogo e dos bombeiros  
dos suicidas e dos homicidas  
das férias e do fardo  
da obrigação de estarmos alegres  
Defender a alegria como uma certeza  
defendê-la do óxido e da sujeira  
da famosa ilusão do tempo  
do relento e do oportunismo  
dos proxenetas do riso  
Defender a alegria como um direito  
defendê-la de deus e do inverno  
das maiúsculas e da morte  
dos sobrenomes e dos lamentos  
do azar e também da alegria

■ ■ ■ ■ ■ MÁRIO BENEDETTI



Mario Benedetti, escritor e poeta uruguaio (1920-2009)



## memória

Em 29 de maio de 1956, os governos do Brasil e do Paraguai assinaram acordo para a construção de uma ponte sobre o rio Paraná, que seria batizada de Ponte da Amizade

Para não prejudicar a navegação, a ponte teria que ter vão livre de no mínimo 18 metros acima do nível da água em momentos de maior cheia. Informações colhidas em registros históricos e testemunhos vivos chegaram à notícia de que a maior cheia havia acontecido em 1905, quando as águas subiram 30 metros acima do nível normal.

Foi projetada uma ponte com 553 metros de comprimento, sustentada sobre arco com vão livre de 290 metros. No pico das obras, a construção empregou mil homens.

A Ponte da Amizade foi inaugurada em 1965. **(Dados: Retratos de Foz)**



## NA QUARENTA E SEIS

Mário Benedetti (03) - Adna Rahmeier (06) Augusto Johann (07) - Lara Aragão (08)  
Kari Canclini (09) - Diana Araujo (10) Sidney Giovenazzi (11) - Pigmeu e Lalan (12)  
Silvio Campana (13) - Paulo Bogler (16) Larissa Usanovich (18) - Potyra Tupinambá (19)  
José Maschio (20) - Montezuma Cruz (21) Paulo Bogler (22) - Lalan Bessoni (25)  
Paola Benitez (26) - Guilherme Januário (26) Santiago Salles (26) - Sandra Severo (27)  
Lisete Barbosa (27) - Raphael Vilela (27) Andrea Palmar (28) - Mano Zeu (28)  
Dieguito (28) - Amanda Engel (29) Jazmin Gutiérrez (29) - Karina Moschkowich (30)

escrita 46



Escrita é uma publicação  
da Associação Guatá - Cultura em Movimento,  
entidade de finalidade artística, cultural,  
sedada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.  
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho editorial: Carlos Luz, Paulo Bogler,  
Richard de Souza e Silvio Campana  
Editor: Silvio Campana - Mób 20572 - 3023/11131

Revisão: Carmen dos Santos - Foto da Capa: Aurea Cunha  
Projeto Gráfico: Silvio Campana  
Fotótipo e impressão: Gráfica Ideal. Tiragem: 2 mil exemplares



Visite-nos:  
[www.guata.com.br](http://www.guata.com.br)

Contate-nos:  
[guata@guata.com.br](mailto:guata@guata.com.br)

facebook:  
guata cultura em movimento

Capa da Escrita 46:  
Instalação de 100 guarda-chuvas,  
fotografada por Aurea Cunha  
no Itá Thermal Resort e Spa,  
na cidade catarinense de Itá.



## Para lhe dizer de uma alegria

**C**omeçamos a Escrita 46 com Mário Benedetti dizendo da Defesa da Alegria. Ainda mais além das mesquinharias e retrocessos do mundo, e contra elas todas, o escritor uruguaio prega que seja defendida com unhas e dentes a alegria de viver. Me parece que também quer dizer que esta seja possível para todos e não para uma minoria, dona dos privilégios.

Os tempos são duros. No mundo inteiro, a ameaça da guerra e seu consequente comércio assustam e fazem refém ao planeta. Enquanto os donos do tabuleiro imperial refestelam mais lucros e poder, fome e obscurantismo tomam milhões.

Como se não bastasse a insanidade que veste as relações internacionais, no Brasil a ambição e a hipocrisia sentaram à mesa. Vendilhões se aglomeram e se maquam ocupando os postos mais nevrálgicos do País. Enquanto mudam de pele, ameaçam a frágil democracia e atacam os direitos do povo, aos acordos mais espúrios e aos golpes mais rasteiros.

Os tempos são duros, mas o poeta já alertava para as armadilhas que se tem de transpor na luta por um estado mais autêntico do tal sorriso pleno. Não há outra saída a não ser caminhar e defender o sonho de transformar a realidade. É justo entrincheirar-se, sim, pela resistência do direito à vida ao tempo em que também se valoriza o que é mais caro nisso tudo, que é a expressão liberta.

Pois é o que tentamos mais uma vez fazer em uma edição de Escrita. Nessas poucas páginas, um mar para se navegar. Um mar feito no mosaico das expressões de muita gente, alguns inéditos na coleção da Guatá.

Poesia, muita poesia, ordena informação, memória e reflexão sobre o que estamos a construir. Fotografia, desenho, crônicas e poemas mostram o jeito de muitos amigos defenderem a alegria, afinal. O que esperamos de você, leitor, é a disposição de interpretá-los, entrincheirar sua opinião e gritar também.

Boa leitura!

 Silvio Campana



*Elizângela Lazzaretti*

OAB/PR - 27311

Área da atuação:

*Cível, Eleitoral, Família,  
Contratos*



Travessa Cristiano o Weirich, 91  
Sala 102 - Centro  
Foz do Iguaçu - Paraná  
Fone: (45) 3029-0221  
Cel.: (45) 999590221  
e-mail: elizlaz@hotmail.com

**Acesse Culturas.  
Assim, plural.**

**[www.guata.com.br](http://www.guata.com.br)**

**Uma página  
com o nosso  
jeito de falar  
pra todo  
mundo  
dizer!**



# epidemiadepoesia

Adna Rahmeier

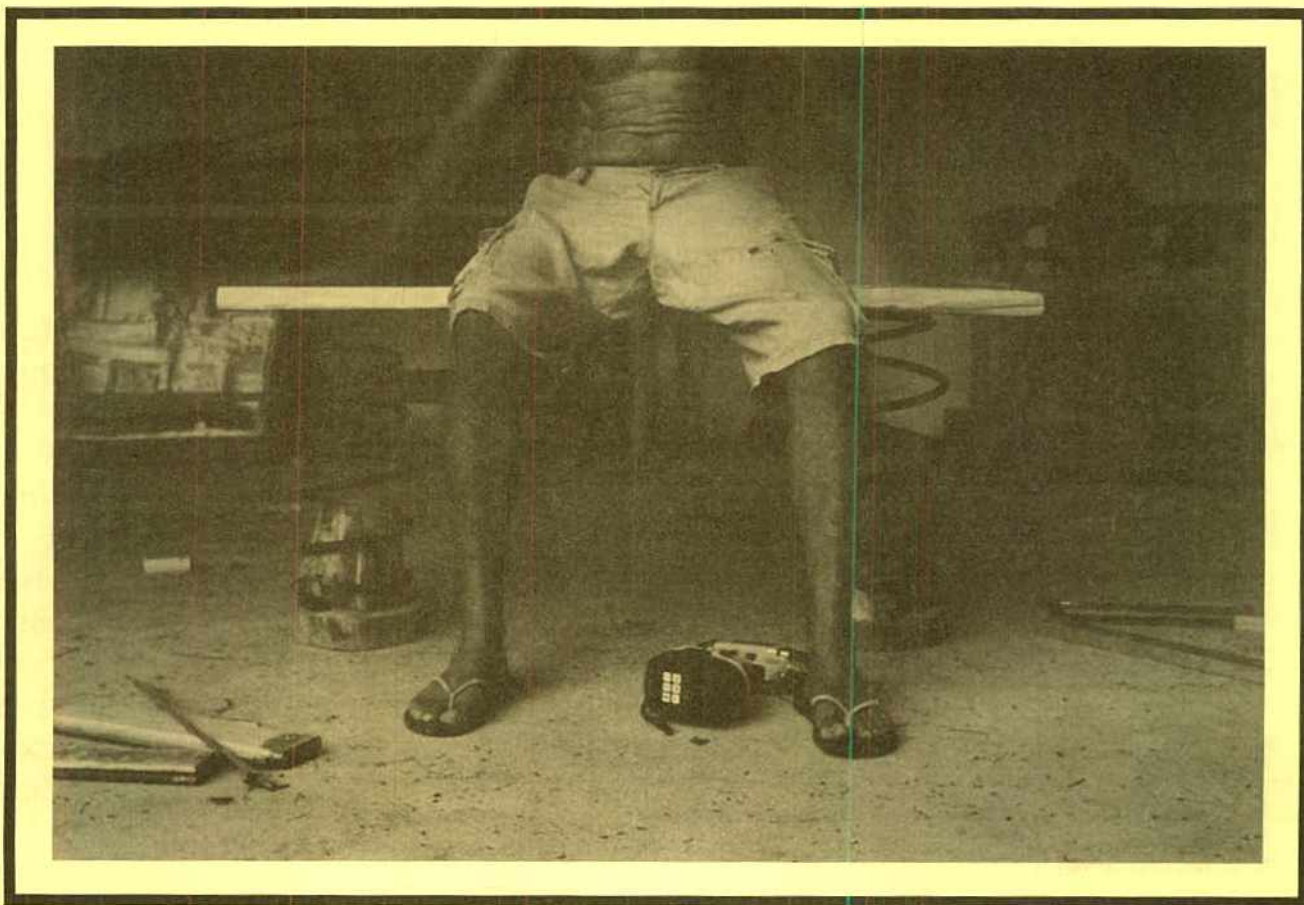
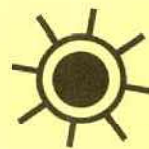
## pó estrelar

Desde menininha  
Muitos telhados eu subia  
Primeiro, a mangueira pra escalar  
Depois, o andar sem estalar  
- ai de mim se mainha escutasse -  
Quando chegava lá em cima  
Percebia que nem perto seria  
Daquela infinita vontade  
De ser parte do céu fantasia  
Mal lá se sabia  
O quanto de humanidade  
Ainda sobreviveria.



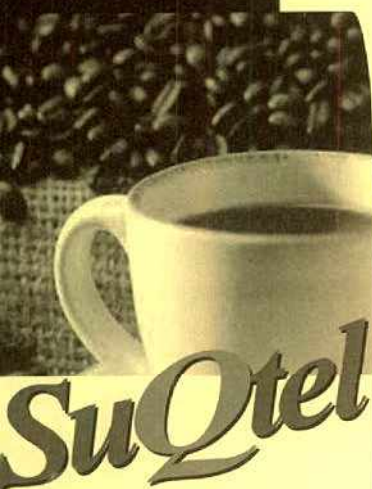
ADNA RAHMEIER é poeta  
e artesã em Foz do Iguaçu, Pr.





## **|** equilíbrio

Foto produzida por AUGUSTO JOHANN.  
Ele é fotógrafo em Foz do Iguaçu, Pr.



café

chocolate quente  
sucos naturais  
e de polpas

doces & salgados  
pastéis especiais  
lanches  
refeições rápidas

De Segunda a Sexta:  
**Das 7h15 até 18h30**

Aos sábados, até as 14h30

Aceitamos  
cartões de crédito

**EM FOZ DO IGUAÇU:**

Rua Quintino Bocaiúva, 653

**Telefone: (45) 3572.5272**

Rua Xavier da Silva, 649

**Telefone: (45) 3523.9101**

**JOINVILLE - SC**

Rua XV de Novembro, 640

**Telefone: (47) 3433.4650**

**BLUMENAU - SC**

Rua XV de Novembro, 1422

**Telefone: (47) 3336.0975**

# epidemia de poesia

## MANCHETE

Um estudante,  
um professor e um jornalista  
Foram pegos em flagrante  
Praticando democracia  
A quadrilha fornecia consciência  
para a periferia  
Estavam fortemente armados  
Com direitos de alto calibre  
Resistiram à prisão  
Com gritos de grande poder  
de subversão  
As ruas foram cobertas  
de indignação  
O governo declarou estado  
de emergência  
Ninguém sai da imobilidade  
E todas as mentes são revistadas  
Os cães estão sob alerta  
Em busca de qualquer  
sinal de combatividade  
Instruíram a população  
A tapar os ouvidos  
Obedeceram.  
Fecharam janelas portas olhos  
Com medo, ligaram a TV  
Plim-plim  
Tranquilidade, enfim.



**LARA  
ARAGÃO**

## ROTINA

cumprindo um ciclo  
enriquecendo o currículo  
num cubículo  
o metro é cúbico  
o sorriso é em milímetro  
o choro é invisível  
a máquina quase invencível  
a melancolia é massiva  
sou livre e cativa  
encarcerada numa rotina  
sem direito a ser explosiva  
meu nome é ana, luisa ou sofia  
vitoria, andreia, julia ou maria  
e compro pra ser linda  
compro pra ser viva  
me vendo pra ter vida  
talvez eu sobreviva.



**LARA ARAGÃO** é estudante de Direito em Navegantes, SC.





## I protagonista

Registro de KARI CANCLINI,  
paraguaia, fotógrafa em Assunção, PY.  
Ela documentou a manifestação popular  
no Dia Internacional da Mulher na capital do Paraguai.



# Mapa

DIANA ARAUJO

Com pés de índio não pise no tapete branco.  
Com pés de negro não chegue na sala principal.  
Com este sorriso duvidoso não me olhe nos olhos  
que os tenho em segurança  
que os quero à salvo de dúvidas ou dores.  
Já passei pela ponte da incerteza.  
Cruzei o umbral dos tempos duros e gastos.  
Como à mesa e uso adequadamente os talheres.  
Sei manter a maquiagem e a máscara.  
Fecho os olhos de noite  
e conto as ovelhinhas brancas.  
Durmo tranquila depois de rezar.  
Hoje o mundo está organizado  
e meus passos caminham sem vacilar pelo mapa.  
O mesmo mapa que me deram no berço,  
que me fizeram tragar no leite,  
e que aprecio comodamente  
da janela ou da internet.  
Ah! E canto bem as canções  
que enamoram ou tranquilizam.  
Com esforço aprendi os lemas perfeitos  
com os quais permanecer de pé  
com os quais lavar o rosto antes de deitar  
com os quais descansar do susto cotidiano  
de existir do lado de cá.

*Con los pies de indio no me pises la alfombra blanca.  
Con los pies de negro no me alcances la sala principal.  
Con esta sonrisa dudosa no me mires a los ojos  
que los tengo seguros  
que los quiero salvados de dudas o dolores.  
He pasado ya el puente de la incertidumbre.  
He cruzado el umbral de los tiempos duros y gastados.  
Como en la mesa y uso adecuadamente los cubiertos.  
Sé mantener el mantel y la máscara.  
Cierro los ojos de noche  
y cuento las ovejitas blancas.  
Duermo tranquila después de rezar.  
Hoy tengo organizado el mundo  
y mis pasos caminan sin vacilar por el mapa.  
El mismo mapa que me dieron en la cuna,  
que me hicieron tragar en la leche,  
y que aprecio cómodamente  
desde la ventana o la internet.  
Ah! Y canto bien las canciones  
que enamoran o tranquilizan.  
Con esfuerzo aprendí las perfectas consignas  
con que mantenerme de pie  
con que lavar la cara antes de acostarme  
con que descansar el susto cotidiano  
de existir por acá.*



DIANA ARAÚJO PEREIRA, é escritora, tradutora e professora universitária em Foz do Iguaçu, Pr.

O poema é parte de "Horizontes Partidos", livro lançado em 2016 pela autora.

emidernidade





# O Contador de Piadas

SIDNEY GIOVENAZZI



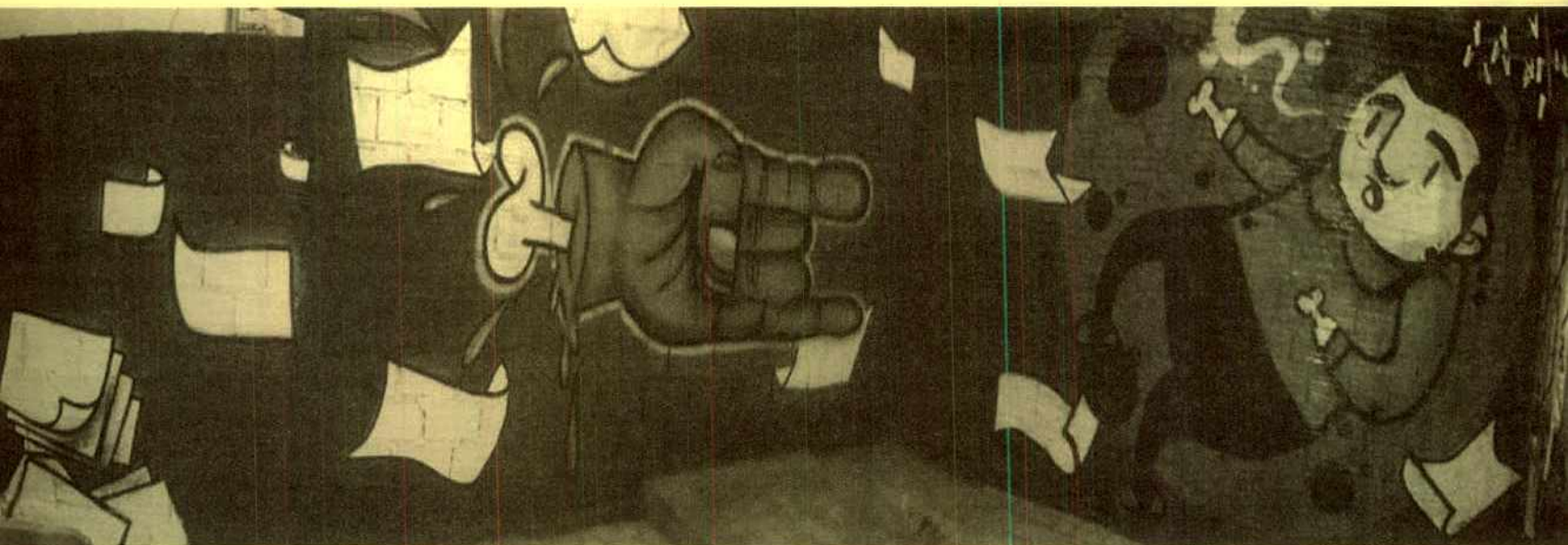
Acordo com os pássaros  
São meus pensamentos  
voando desordenadamente  
Voando um voo de que não canso  
Durante o dia  
danço na vida como um corpo sem pensamentos  
Muitas vezes me vejo como um louco irresponsável  
o antes-sim  
ante sinais de negação  
Sou amante do acaso  
dependente dessa droga da pureza  
e da ejaculação da filosofia jactante  
Quem me excita  
é o inútil  
O que me apraz  
é a inutilidade  
Só enxergo o que se esconde  
E é assim  
que busco a verdade:  
o fértil  
na esterilidade  
Barulho para mim  
é o eu secreto de alguém que me avisa  
sobre um cativeiro seguro  
Não consigo evitar o torpor à volubilidade da aparência  
e a beleza física é mesmo  
a exata deformação causada pela intensidade  
do interior espesso  
Ou então o belo é apenas a arte –  
uma cadeia de elos que torna tudo simétrico –  
correntes para voar  
Tudo aceito  
como um preço que não se pode pagar  
No interior do inapreensível  
eu vejo e sinto

como se minha língua percorresse sem beijos  
a morosidade do tempo escorregando como orvalho  
sobre a árvore da vida  
em que posso observar  
a poética de um organismo  
cada secreção feliz  
cada bravata insípida –  
toda uma singeleza infantil  
como lágrimas de piada  
Mas volto a mim  
e adormeço  
Sonhos não maravilham  
um desperto que voa como vento  
nas cidades e nos corpos poeirentos  
sem dor  
nem incômodos julgamentos  
e ri  
sem nenhum pudor  
Há um júbilo constante no descompromisso  
quando me comprometo somente  
à essência irritantemente bela de alguém  
Acordo com os pensamentos em revoada disforme  
Acordo esperando mais um dia de adoração  
Assim como amo o vão  
adoro as secreções infalíveis  
as bravatas translúcidas  
a criança de memória senil  
Eu sou o contador de piadas  
o anti-não  
o disto voador  
Acordo esperando mais um dia de adoração  
e orgasmo  
Sou disto tudo  
o voador



SIDNEY GIOVENAZZI é músico e poeta em São Paulo, SP.

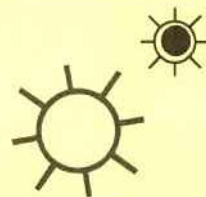




## panfletário

Grafite de PIGMEU e LALAN BESSONI.

Dias Gomes Fernando - 'Pigmeu' -  
é tatuador e grafiteiro em Foz do Iguaçu, Pr.  
Lalan é ilustrador em São Paulo, SP.





## (A) Temporalidade

...Na rua agora há uma algararra de moleques. Uma algaravia de crianças saindo de algum lugar. Será que são meus fantasmas me chamando? Eu não consigo identificar ninguém pela fresta da janela...



Eu optei por diminuir a solenidade das coisas para sobreviver a mim mesmo, ao meu passado e ao meu sonho, ansioso que sempre fui de mudar o mundo. De um racionalismo estranho na juventude amadureci para uma posição ainda mais tosca. Uni a omissão, com o que me absolve, a um olhar mais vivo para as camadas dessa cebola que chamamos de humanidade, e assim experimento, pranteio e festejo os fatos. Oriento minha existência a partir disso. Percebi esta saída quando vi que tenho coisas dentro de mim que registrei e que ainda esperam por serem digeridas. Às vezes, calmas, são pacientes. Às vezes agressivas, me fazem incorrer na trapalhada de vê-las embalsamadas dentro de mim, sem sua própria dinâmica. Diria até em exagero que já não consigo traduzir tempo e espaço como algo que organiza minha forma de ver o mundo. Agora prefiro dizer que tateio a existência em meio às suas aparências e armadilhas; muitas delas com um dos dois vértices desse binômio extraviado.



...Entre a veneziana e minhas narinas, há um perfume do jasmim, pendurado como sedução no paletó de meu avô; há também mandarinas ácidas misturando cítrico aroma ao mijo amanhecido nos colchões ao sol no de outono. Não há nada também. Não há o adocicado da madeira da casa de dois pisos feita de pinho e peroba. Há tudo e não há quase nada nessa

espécie de luz que vem da rua. Nem meus mortos, nem meus vivos. Agora o que há é a urgência dos estilos. A palavra marcada para ter ritmo entre as escolhidas no discurso da manada. Agora não sou, só fui ou seria, mas eu teimo.



“Não há possibilidade do passado ou do futuro sem o presente. Afinal, dentro de um entendimento do que é real, só há o que se vive a cada momento”.

Li certa vez e não entendi. Era dia claro, manhã clara, molduras de uma partida. E eu guardei para recordar depois.

‘Essas conotações que damos às coisas, acontecimentos e idealizações do homem usando a referência de tempo não pode existir sem o presente e, por isso, sem a própria dimensão de indivíduo nisso. A história, como consequência, eu escolho ver sob o aspecto da consciência. Então ter memória e sonhar o futuro é ter uma formulação de consciência no presente. É disso que pode vir a ideia do que lembrar, do que registrar, do que construir, reconstruindo-se sempre.’



Agora o cheiro é outro. Tem a leveza dos primeiros pelos na minha cara e no púbis branquelo da menina da rua que nos levava aos domingos ao campo de futebol. Mas o acompanha um hálito ranço extraído debaixo da escadaria do único predinho da avenida. E tem as manchas de chocolate na pele antes do cinema das seis, no Star, ao lado da escadaria. Meus dedos estão com a viscosidade daqueles dias. Meus dentes ainda trincam entre o desejo e o medo adolescente de não ter o que fazer quando fizesse.

**Dê um tempo e continue na próxima página.**



## 2

Mas olho e vejo a escuridão escancarada na janela que se adianta perante a arritmia de meu coração daquelas tardes.

Eu e meus olhos; eu e meu sopro de vida que realizo a cada som externo. Vem de lá o convite, vem da rua. Anoiteço em busca de paz enquanto a algazarra do mundo passa em procissão. E meus temores fazem minha cabeça delirar coçando cada gaveta do cérebro atrás das cores daqueles dias. E vem tudo à cabeça. E não há nada.

Escolho as páginas nos cadernos dos jornais. E me pego a fazer. Como se cortar papeis em comunhão com a vontade de mudar a história me dissesse a velocidade dos meninos que agora gritam bem ao longe. As lágrimas escondem o pavor, tenho vontade mas não abro a janela. E no ressentir, percebo o perfume das orquídeas mal cuidadas entre os livros da revolução.

Junto da porta dos fundos, a imagem salitre do Chile em liberdade. O pôster engordurado na parede da cozinha da república de estudantes. Às seis, um pouco antes do primeiro ônibus rumo ao nada além do Igapó, em Londrina. Por cima dele, tem as curvas dos pequenos seios orientais e o riscar das mãos nos mamilos entumecidos com o licor de avelã da finaleira da noite. Às seis, um pouco antes do primeiro ônibus rumo ao nada além do Igapó.

Olho e não vejo mais a fresta na janela, o som dos meninos se foi. Meu avô e seu jasmim também. Em seus lugares, a nítida impressão do calor do corpo da japonesa e os ácaros dos panfletos seculares.



“O que nos faz humanos, numa ideia reducionista é, afinal de contas, o lembrar e o sonhar. E isso, coletivamente, tem suas peculiaridades. Não se sonha um só sonho numa sociedade de

classes, não se lembra um só passado, numa sociedade de classes. A história seria então o confronto desses interesses.”

Escrevi uma vez e me libertei à época.

E agora não há nada no pequeno rebanho de palavras bem dispostas que me emocione. Só há um gesto morno e preguiça. Só as mentiras sinceras do cantante daquela época e as de hoje.

Só há o que nunca fomos e queríamos ser. No futuro, no futuro... E no futuro não há e menos ainda no passado.



Encosto meu ouvido na janela fria. Cavo um buraco no vidro e brinco de arqueólogo com os poucos sinais que vem de fora. Aqui dentro, os fósseis. Há tudo e não há nada. Não me contento com a imaginária voz de meu pai e de meus irmãos, aqueles biológicos e os da minha camaradagem, num crescente silêncio que espelha a solidez da velhice de todos, a idade da minha falta de solicitude e o cinza que atacou nossa altivez.

Há um garrafão de mosto barato e seu aroma amanhecido em cima da madeira escovada pela palha de aço e mãos servis, desde sempre. Há um círculo sujo e ingênuo em nossas babas do álcool e nas latrinas dos bares nas cidades. Há uma melancolia na cinza em cima do balcão. E há as sutilezas das lembranças do canto desafinado das madrugadas visitadas.

Nos corpos que conto entre os combatentes do olvido, tenho a impressão de ter visto azuis, verdes, negros, amarelos e brancos traços, tinturas de um vinho envelhecido como a pele de mulheres e homens, rumo ao açoite ainda quando crianças. E vi o bem aventurado mundo dos líderes se misturando ao dos déspotas. E não há nada. O que sobrou sou eu e tudo aqui. E há tudo para se contar. São carcaças fétidas próprias para serem penduradas no



# 3

varal de uma exposição alternativa. Despretensiosa e um tanto quanto pueril.

Na vida fluída de agora, só um espesso caldo de indecisões e espetáculos medianos.

Sou multidões, assim como os outros. Somos multidões verborrágicas esperando um último sinal. Nosso maniqueísmo foi travestido com a relatividade. Dramatizamos nossos fantasmas sabendo de que nada vai acontecer, mas que tudo pode ser bom, acéptico, do bem e et cetera e tal.



Na rua, a algazarra volta. Ela não me dá espaço para a paciência que preciso para pensar e lembrar a morenice da jovem que cantava baixinho a alegria de estar viva.

Não sei o que se passou com ela, comigo e com todos os meus camaradas. Com seus amores e ódios, com nossos desejos e religiosidades. Não sei o que se passou com nossas divisões e estratégias. Mas seguramente não temos mais cor, nem diferenças. Viramos o recheio do pastel. Carne moída embalada para presente.

Agora há um perfume em profusão. Vem das mentas que amassamos num último verão. Vem das conversas tênues sobre como poderia ser o futuro tanto tempo atrás. Não sei onde estão guardadas, mas estão em algum ponto de minha vida cerebral.

Lá fora, nos muros e nas paredes, uma sintonia fina entre a inexistência de identidade e a violência dos atos, pulsa.

No Rio, uma mulher é vítima da raiva e frustração de trinta homens e do machismo que queima em todos nós. Numa

avenida em Iguaçu, um negro haitiano tem a cabeça aberta pela iniquidade de outros tantos e pelo cinismo de todos nós. Na capital, uma moradora de rua vira a morta da rua pela mão de um contribuinte e pela indiferença em que cohabitamos. No Centro Oeste, uma criança se subtrai da vida entre os Kaiowás. Na Sorbonne, um acadêmico faz doutorado.

Eu, aqui, nesta fronteira, recorto e guardo. Recorto, inerte, e guardo. Agora já não é possível dizer que não há nada. Agora é um tempo precioso para o passado e para o futuro.

Agora é já...

Ainda faz pouco, a televisão mostrou tanta gente nas passeatas. Uns de vermelho, vermelho sangue como o dos mártires que cultuávamos na vivência e em nossas aventuras imaginárias. Outros, aos milhares, de amarelo, camisa da seleção, gritos de vingança e truculência. A guerra das cores diferentes. Diferentes e, no entanto, com um mesmo azul infinito de fundo. Cenário *chroma key*, para múltiplas superposições e falseamentos e religiosidades.

Como nada me parece daquilo que lembro ou espero que eu seja. Há tudo aqui e não há nada.



Entre a mesa e meus olhos, o viés que fiz para recortar no jornal a foto daqueles outros tempos. O sopro do vento me faz filtrar um pouco de fumaça do combustível dos carros. Não os vejo atrás da janela fechada, mas na esquina aceleram. Conto os segundos, lembro das cores do semáforo, imagino o movimento automático dos motoristas para partirem. Escuto o som de seus corações. Inquieto, me afasto do breu da janela. O frio no estômago é a nova morada do buraco que cavei no vidro. Na rua, já não há nada. Aqui, já não há nada. E, em mim, o receio do espelho. ✱



SILVIO CAMPANA é jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.





## É dia de feira, é dia do livro

brasileiro lê só 4,96 livros por ano, 0,94 indicados pela escola e 2,88 lidos por busca pessoal. Nos últimos anos, embora tenha ocorrido pequeno avanço do número de leitores, 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro. Os dados são da quarta edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, do Instituto Pró-Livro, e abrange todas as regiões do País.

Para ressaltar a importância do ato de ler e valorizar o livro como uma das fontes de conhecimento, informação, imaginação e diversão, a associação Guatá realizou ação cultural na Feira Livre da JK, em Foz do Iguaçu, durante o Dia Mundial do Livro. A data é celebrada todo o 23 de abril, em referência a escritores como William Shakespeare e Miguel de Cervantes.

Durante a atividade cultural, agentes de leitura da Guatá

distribuíram gratuitamente a visitantes e feirantes 300 exemplares da Revista Escrita, publicação de literatura editada pela entidade. A comunidade recebeu também materiais literários, panfletos e pôde percorrer duas exposições instaladas no espaço público, uma de poesia e outra de fotografias antigas da cidade.

A ativista da associação Guatá, Kariny Wermouth, explica que a iniciativa faz parte do Tirando de Letra, programa permanente da entidade que incentiva o ato de ler. “A formação de leitores é quase sempre relegada a um papel secundário pelas políticas públicas de cultura e educação. Precisamos reverter esse quadro, pois a leitura e cidadania são indissociáveis”, reflete.

**LEITURA E LIBERDADE** - Na Feirinha, a professora Alana Lavrado recebeu os exemplares da Revista Escrita, reuniu



A leitura representa  
uma abertura  
para o mundo,  
para o conhecimento  
e a criatividade.

É uma  
forma de atingirmos  
autonomia,  
ganharmos força  
e libertação.

Tem tudo  
a ver com cidadania.

ALANA LAVRADO,  
professora



Kariny Wermouth (centro da foto), 'mediando leitura' com visitantes da Feira. Na foto menor, a professora Alana Lavrado.



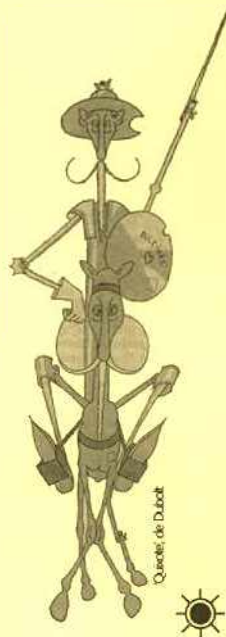
## Na 'Feirinha JK', Guatá distribuiu 300 exemplares de revista literária

panfletos de literatura e conferiu as exposições de poesia e fotografia instaladas no espaço público. Para ela, a iniciativa contribui para a democratização do acesso às expressões e criações literárias, e deve acontecer de forma permanente em vários pontos da cidade.

"A leitura representa uma abertura para o mundo, para o conhecimento e a criatividade. É uma forma de atingirmos autonomia, ganharmos força e libertação", diz Alana Lavrado. "Essa iniciativa é fundamental, pois a leitura tem tudo a ver com cidadania. Nosso mundo físico é muito limitado, então, aprendemos muito com os livros, com a leitura", completa.

Para Adilson Madari, estudante de Antropologia, a ação de leitura realizada pela associação Guatá contribui para a

fruição das trabalhos literários e a interação entre autores. "É uma possibilidade interessante de troca de experiências para que as pessoas tenham acesso às produções uns dos outros, em um movimento que vai ganhando um corpo cada vez maior", expõe.



Quadrado de Dabok

### DIA DO LIVRO

O Dia Mundial do Livro foi instituído pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em 1995. A data marca a morte em 1616 do escritor Miguel de Cervantes, autor de Dom Quixote de La Mancha, o nascimento (1564) e a morte (1616) do dramaturgo William Shakespeare. O dia do livro foi criado para valorizar os escritores, o livro e promover a reflexão sobre o direito à leitura.

Texto e Fotos:  
Paulo Bogler, produtor cultural.



MADARI:

'A ação de leitura da Guatá é uma possibilidade interessante de troca de experiências. Um movimento cada vez maior.'





## guaranis, seus aquíferos e abandonos

Fotografia de LARISSA USANOVICH,  
estudante de Ciências Políticas em Florianópolis, SC.





## um texto de Potyra Tê Tupinambá



### Identidade!

Quando seu filho chegar hoje em casa todo lindo pintadinho de índio batendo na boca e fazendo Hu HU Hu... Conte a verdade pra ele!

Não permita que a mentira sobre nós indígenas se perpetue.

Nós não somos seres do passado, estamos vivos.

Tem índio em todas as partes do Brasil e não só na Amazônia.

Índio não é só aquele com olhinhos puxadinhos e cabelo preto e liso...

Somos diferentes... cada povo foi se constituindo ao longo dos séculos... séculos e séculos de opressões e massacres.

Ensine seu filho a respeitar a diferença!!

– O Brasil não foi descoberto. Foi invadido.

– Os indígenas brasileiros pertencem a 305 etnias diferentes falando 274 línguas.

– Estamos presentes em todas as regiões do Brasil.

– Índio não vive só nas florestas. Tá aí na cidade.

talvez aí do seu lado.

– Cada povo é diferente do outro.

Cada um tem seus usos e costumes que se assemelham em alguns casos.

-Índio brasileiro não bate a mão na boca e faz hu hu hu...

Isso pertence à cultura de nossos irmãos indígenas norte americanos.

-Há indígenas pelo mundo todo.

– Usamos internet, celular, tablet e nem por isso deixamos de ser indígenas.

– Na verdade, nem somos índios...

Somos Tupinambá, Guaraní, Pankararu, Tuxá, Mundurucu, Yanomami...

...o nome índio nos foi dado pelo invasor. ☀



POTYRA TÊ TUPINAMBÁ, índia tupinambá, advogada,  
militante social pelos Direitos Humanos e dos Indígenas

# H2FOZ

O portal  
das Cataratas



[WWW.H2FOZ.COM.BR](http://WWW.H2FOZ.COM.BR)



**lalan bessoni**

ILUSTRAÇÃO  
& DESIGN GRÁFICO

[www.flickr.com/lalanbessoni](http://www.flickr.com/lalanbessoni)

[lalanbessoni@gmail.com](mailto:lalanbessoni@gmail.com)





Escola de música,  
teatro, idiomas e pintura

Fones: (45) 3524-6277 e 99818-5917

[www.virtuosefoz.com.br](http://www.virtuosefoz.com.br)

Av. Brodosqui, 1127  
Jd Sta Rosa (ao lado da vila A)  
Foz do Iguaçu, Pr

**BIBEIRO**  
**Falls Park**

Mudas frutíferas  
e ornamentais

Fones: (45) 3573.1044  
e 9124.6802

Rua Itapemirim, 101  
Beverly Falls Park  
Foz do Iguaçu - Pr.

**DJ BOGLER**

*O som que toca o seu estilo!*

Aniversário | Balada  
Confraternização

Eventos sociais,  
culturais e esportivos

**45 | 99814.9840**



Acesse, curta e siga  
a fanpage da Guatá

<https://www.facebook.com/guatacultura>

**um texto de José Maschio**

## Brasílices!

A sala de recepção (recepção seria o termo?) da Upa está lotada de anseios e dores. Uma terça-feira fria, depois de calor intenso. Crianças tosse em grupos, uma lá no canto chora. A mãe a abraça como se seus braços fossem um estranho cobertor. Mais ao fundo, como um relógio, um velhinho, encurvado, mãos na altura do estômago, solta um gemido a cada minuto.

O relógio mostra pouco mais das 6h30 da manhã. Quando a Tv na sala de espera (a tal de recepção) anuncia, em um volume inadequado para um posto de saúde, a entrada de um repórter. Tinha você dúvidas de que a Tv estivesse sintonizada na Vênus Platinada?

O rapaz pergunta qual um vendedor de consórcio de boas notícias. Adivinhe qual o país que mais recicla embalagens de agrotóxicos do mundo? Pronto. No país onde o grande irmão é programa nacional, a sala entra em suspense. Até as crianças param de chorar. O velhinho ganha posição ereta, expectativa...

O repórter (polianismo pouco é besteira) respira fundo, aguarda o efeito necessário de seu silêncio (ele é sucesso...) e crava. Isso mesmo. O Brasil é o campeão mundial de recolhimento de embalagens vazias de agrotóxicos. Em tempo: agrotóxico foi um termo cunhado, na década de 80, pelos donos do poder para substituir o nocivo termo veneno agrícola.

Nenhum pio, nenhuma palavra sobre o Brasil estar no topo do ranking dos consumidores de venenos do mundo. Nem sobre os malefícios desses à saúde humana, animal e ao ambiente. Afinal, o país é campeão do mundo. Isso é o que importa.



**JOSÉ MASCHIO** é jornalista, escritor  
e professor universitário em Londrina - Pr.



# ‘O homem tem o direito de ver’

(De Hilton Rocha aos médicos cubanos)

Vinte e seis anos atrás o médico oftalmologista mineiro Hilton Rocha visitava Foz do Iguaçu. Aos 80 anos de idade, ele participava do Congresso Brasileiro das Santas Casas, em 1991.

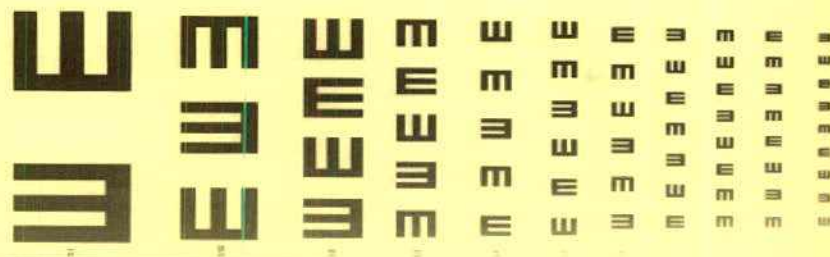
Naquele período, a cada fim de semana uma equipe de 25 profissionais da Fundação que leva o seu nome embarcava num ônibus para atender pessoas pobres do Vale do Jequitinhonha.

Essa região agrupa 51 municípios mineiros e se tornou muito conhecida nos anos 1970 por seus baixos indicadores sociais e características do sertão nordestino. A equipe do doutor Hilton cuidava de pessoas com catarata, carne crescida, glaucoma e outras doenças.

Semblante calmo, fala mansa, doutor Hilton ditava para o repórter (\*): “Não se redime um cego sem lhe proporcionar a leitura”.

Daquele congresso em Foz participavam também dirigentes da extinta Santa Casa Monsenhor Guilherme, que atendia brasileiros, paraguaios, argentinos e brasiguaios.

“Entre os direitos do homem deve ser incluído o de ver. E o cego deve ter o direito de trabalhar”, ele proclamava entusiasmado. Saía do doutor Hilton o pleito oficial ao Ministério da Educação,



para que incluísse a cegueira na campanha Alfabetização e Cidadania.

De lá para cá, outros encontros ocorreram. Em 2010, por exemplo, lá em Cobija, no Departamento de Pando (Bolívia), conversei com médicos cubanos da Misión Milagro, que devolviam a visão às pessoas, sem nada cobrar pelas cirurgias. Fizeram isso em regiões fronteiriças na Bolívia, no Peru e na Venezuela.

Muitos brasileiros se valeram deles para ver a luz do Sol e o clarão da Lua.

E reflito: estima-se no Brasil em 0,5% a prevalência de cegueira, ou seja, cerca de 900 mil pessoas. Outros três milhões de pessoas devem estar na situação de deficiente visual. O País deve chegar ao ano de 2020 com cerca de 400 mil cegos, se o número de cirurgias ficar abaixo de dois mil por milhão de habitantes ao ano.

Desde o final da década passada, com o funcionamento de mutirões, o número de cirurgias aumentou de 50 mil para 200 mil por ano.

Com tanta difusão do alfabeto Braille e o avanço das tecnologias digitais, quem sabe o sonho do doutor Hilton Rocha se realize neste milênio. A Humanidade agradece.

(\*) Naquele período [1991-1997] eu trabalhava na sucursal da Folha de Londrina.



**MONTEZUMA CRUZ** é jornalista em Porto Velho, Rondônia. Atuou como repórter durante vários anos na sucursal do jornal Folha de Londrina, em Foz do Iguaçu, Pr.





O pioneiro Hector Saucedo, o Papi, confere a exposição de fotos antigas, durante posse do CEPAC. (Foto: CMPC)

Foz do Iguaçu deu um passo adiante na implantação da política de proteção do patrimônio cultural. No mês de abril de 2017, em cumprimento à lei 4.470/16, foi nomeado o CEPAC (Conselho Municipal de Patrimônio Cultural), órgão responsável por deliberar sobre a salvaguarda do acervo cultural, artístico, histórico e natural. O colegiado é formado por 18 representantes das administrações municipal e federal, universidades, entidades sociais, culturais e de classe.

A composição do CEPAC é resultado de um longo processo de revisão da lei 1.500/90, primeiro instrumento formal sobre o tema a vigorar em Foz do Iguaçu, nunca efetivado pelo Poder Público em sucessivas gestões. O processo de atualização do marco legal sobre o patrimônio cultural teve início em 2014, ano do centenário da cidade, por iniciativa do Conselho de Cultura. O trabalho envolveu órgãos públicos, instituições de ensino e a comunidade.

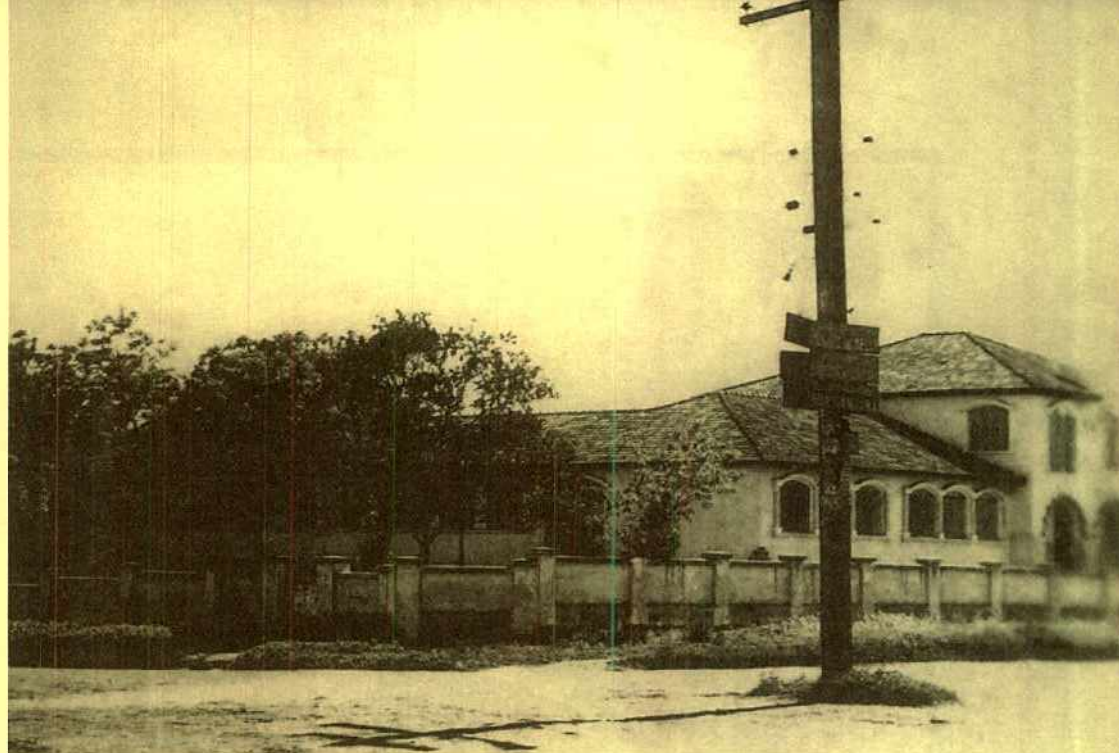
O CEPAC agora tem o papel normativo de reivindicar, propor, definir e fiscalizar a execução da ação governamental voltada para a proteção e a promoção do

patrimônio cultural do município. Pela lei 4.470, são considerados patrimônios os bens de natureza material e imaterial relacionados à identidade, à memória, ao acervo de reminiscências e à atuação humana que forma a sociedade iguaçuense.

Antes centrada em procedimentos de tombamento, a nova legislação agrega ao Tombamento o Inventário de Bens Culturais como instrumento de proteção. O primeiro visa preservar bens imóveis e móveis de propriedade pública ou particular. O inventário registra o acervo material ou intangível, composto por formas de expressões, saberes, ofícios, celebrações e lugares em que acontecem atividades consideradas relevantes.

Com a ampliação do conceito da lei, além da preservação das edificações e móveis considerados de valor histórico e cultural e do meio natural, poderão ser protegidos os elementos simbólicos validados coletivamente por mulheres e homens da fronteira. A norma estabelece o reconhecimento de contextos culturais, equipamentos, espaços públicos, artefatos artísticos, mercados, feiras, festas, santuários,





No prédio do Gresfi, identificação do primeiro aeroporto de Foz do Iguaçu. (Foto: CMPC) e fac-símile do jornal 'Nosso Tempo', de resistência ao regime autoritário na década de 80. Grupo Escolar Bartolomeu Mitre, na década de 1940. (Foto: acervo Setur)

praças, entre outros.

Além dos procedimentos de proteção, a lei 4.470/16 determina a criação de um museu municipal e a implementação do plano de educação patrimonial, a ser aplicado entre estudantes e professores da rede pública. A norma também estabelece a constituição de equipe técnica na área, para integrar o quadro de servidores da Fundação Cultural. Ainda prevê parcerias entre o órgão gestor da cultura, universidade e instituições, para cumprir as finalidades da lei.

Proteger e promover o patrimônio cultural em sua amplitude significa estabelecer, tanto no plano institucional quanto nos processos de legitimação social, a primazia dos direitos coletivos sobre o privado. Para isso, porém, não é suficiente apenas a configuração de uma lei. É necessária a permanente participação da comunidade, grupos e coletivos culturais na definição dos caminhos e na afirmação das narrativas que retratam a passagem do tempo e do homem neste espaço geográfico, cultura e humano chamado Foz do Iguaçu. ☀

## Histórico da lei

O processo de revisão da lei do patrimônio cultural foi proposto pelo Conselho de Cultura em 2014. Foram realizadas duas oficinas públicas sobre o tema e escolhida uma comissão com 27 pessoas para elaborar a atualização. As oficinas foram promovidas pelo conselho, Fundação Cultural, Itaipu Binacional, Secretaria de Estado da Cultura, Conselho Estadual do Patrimônio Cultural, juntamente com estudantes e professores da Unila, Unioeste/Foz, UDC e Uniamérica.

A comissão de revisão da lei foi formada por Adriana Reichert, Alexandre Palmar, Aline Torres, Cleber Oliveira, Elaine Mota, Ezequiel Santos, Fábio Malikoski de Souza, Hernán Veregas, Ivanete Schumann, Juliane Horn Fenner, Lays Furtado, Letícia Consalter, Livia Yu Iwamura, Marcelo Ayala Silvera, Marcelo Penayo, Maria das Graças Paúra dos Santos, Maximiliano Esteben G., Paulo Bogler, Potrice Rego, Renata Silva Machado, Roberto Virgínio, Rosângela Daiana dos Santos, Sergio Luiz Winkert, Sidnei de Oliveira, Silvia Betat, Stênio Fornari, Thais Aline Soares e Willian J. ★



Por PAULO BOGLER, agente cultural em Foz do Iguaçu, Pr.





olhos  
são

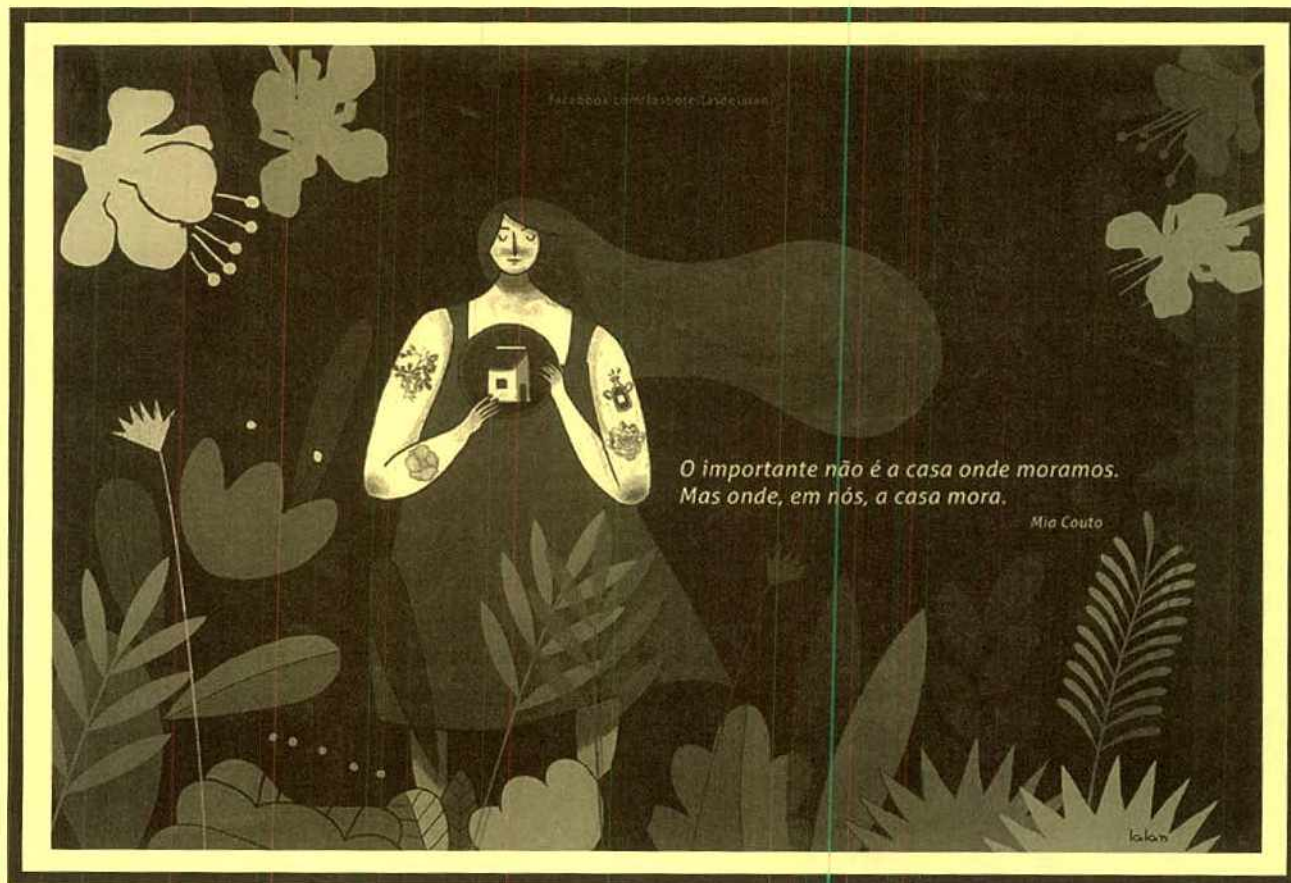


## paraguas

Fotografia de ÁUREA CUNHA,  
fotojornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

A foto registra a instalação feita no Itá Thermas, em Itá, SC.





## casa

Ilustração de LALAN BESSONI,  
designer gráfico em São Paulo, SP.  
Da série 'Las botellas de Lalan'



## Crônica número 2 (Cuerpo a tierra)

Um jovem foi morto por disparo de escopeta com munição letal do pelotão policial que reprimiu aos paraguaios, em Assunção.

31 de marzo – 01:30 hs

La reprensión de la policía se vuelve brutal.

La presencia militar se hace sentir. Golpean a jóvenes y disparan a todos lados.

Hay mucha gente herida.

El presidente saca un comunicado escrito.

Un grupo de senadores whassapea en un recinto privado con la televisión prendida.

Un canal del país transmite la telenovela de turno.

La violencia crece.

Aparece la policía montada.

Los basureros arden en las calles.

Las sirenas suenan.

Los disparos también.

El centro se vuelve un caos.

Los cascos azules irrumpen en la sede del Partido Liberal sin orden judicial.

Algunos jóvenes pueden esconderse.

Otros no.

La policía ordena el "cuerpo a tierra".

Disparan a un joven a sangre fría.

El joven muere.

Tenía 25 años.

PAOLA BENITEZ

# olhos & palavras



'Alfaia', fotografia  
de GUILHERME JANUÁRIO

## poema

La muerte  
tuya o ajena  
es tan ...  
es tan ...  
...  
...  
con todo  
contame  
cuánto

y de qué  
cuando te toque  
y si te roza, como hoy  
no me la muestres.  
a la muerte la quiero viva  
pero no coleando  
porque salpica dolor  
y esto último es el poema

SANTIAGO SALLES



A quanto tempo não paro o olhar?  
A observar aquele canto  
que te acolhe e hipnotiza  
Aquele lugar que te abraça,  
e que faça sossegar o teu coração

As relações monetárias são parede gélidas  
na relação homem a homem  
As conversas escaparam, já não fluem  
e nem confluem para evolução humana

Retomemos as conversas  
para além das guerras, dos tiroteios,  
dos navios fantasmas,  
dos cemitérios de lixos  
descartados pelo consumo.

Não aguento mais as indagações!

Que sejam conversas cruzadas de muito  
paz, amor, empatia e solidariedade.

A "liberdade" de hoje  
diminuiu nosso vocabulário,  
as peças não se encaixam.  
Limitaram nossas palavras,  
paralisaram nossas ações

Os versos e poemas  
se tornaram sonhos longínquos,  
como caminhos infinitos  
Porem são caminhos longos e floridos.

**LISETE BARBOSA**



**'Em Cuba', fotografia de SANDRA SEVERO**

Eu, nesta terra, já passei  
por muitos cenários  
Jamais ouvi o mesmo canto  
dos mesmos canários  
Descobri que a vida  
é como rio e água corrente  
Sempre outra, se não de fato,  
no coração da gente  
Vejo a tenacidade do pássaro,  
sempre a fazer novos ninhos  
Não importa o destino  
das suas antigas ninhadas  
E talvez, seja isso mesmo,  
essa nossa caminhada

Se reinventar com o que temos  
para cada dia  
Porque, no fundo,  
não somos nada de fato  
A inconstância é um atributo  
de todo ser humano  
Mudamos ao longo do dia  
Mudamos ao longo dos anos...  
Mas não somos nem por isso  
levados pela vida,  
como o vento leva a folha  
Temos todo esse nosso imenso  
interno mundo  
E a onipresente dádiva  
de se poder fazer escolhas!

**RAPHAEL RODRIGUES VILELA**



**GUILHERME JANUÁRIO**, brasileiro, é estudante de Cinema.  
**SANDRA SEVERO**, servidora pública, é professora do ensino médio.  
**LISETE BARBOSA** é economista. Os três vivem em Foz do Iguaçu, Pr.

**PAOLA BENITEZ** é estudante de Relações Internacionais. Vive em Ciudad del Este, PY.  
**RAPHAEL RODRIGUES VILELA** é técnico em resíduos eletrônicos em Itatiba, SP.  
**SANTIAGO SALLES**, uruguaio, antropólogo, vive em Montevideú, URU.



# olhos & palavras

## CURRAL NADA SUCINTO

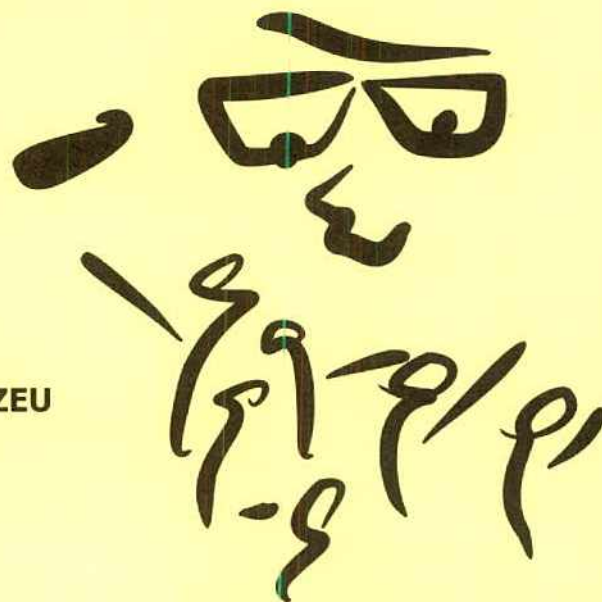
sussi, sucinto  
só sinto  
sossegado  
só cegado  
pra viver sossegado  
é só cê gado?

deconcretosóapoesia MANO ZEU

■ Por acá  
é ca pita lismo  
é co rrup ção  
é bola de meia  
o sam ba no pé  
e o po vo na mão  
edeconcretosóapoesia

■ Beleza de chuva ao amanhecer  
Irriga o meu ser  
com o seu bem querer  
água a minha flor  
a que vive em meu interior  
por favor?  
Beleza de chuva ao amanhecer  
irriga o meu ser  
até a seqidão desaparecer  
amacia.ama.cia. acalma.alma  
sacia a sede  
com a sua chuva de cristal  
intensidade mental matinal

■ ANDREA PALMAR ■



■ Notívago sei que sou  
Aprecio o dia  
Mas é durante a noite  
Onde tudo se silencia  
O meu corpo não vagueia  
São os meus sentidos  
Que se divertem com os meus olhos  
Que irradia poesia  
Nesta noite fria  
Noctâmbulo, o meu pensamento  
acha melhor despertar a minha inocência  
Matinal  
Nesta noite de percepções...

■  
'Cão no Milharal',  
fotografia de AMANDA ENGEL



## CERO GRADOS

Cero grados de fiebre, mi corazón bajo piedras  
qué importa si lx quierx qué importa si lx busco  
siento rechazo y viceversa  
hoy, la ciudad de lapachos me expulsa su aire  
seco  
hoy, cuando marchamos, la hipocresía policial  
no aguanté, y repetí, como si no supiese  
amar es combatir, y dejar ir  
Mucho tiempo, ahoga  
poco tiempo, duele  
INTENSXS  
Es tiempo de sentir todo, y nada  
aburrida silla,  
mis hongos y mis pies  
esa lluvia que la extraño  
Duele

JAZMIN GUTIERREZ

## Nos deforestan

py'a raku  
Sin comida  
mba'asy po'i  
guyra'i hû

lagarto  
opa opa ohóvo  
kururu ha kuriyu  
ya no quedan lombrices

me consume alergias  
poca savia  
itujupa  
tâi rasy

ajo pa calmar el dolor  
limón, pomelo,  
banana y mamón  
hu'u peguarã  
mamón poty

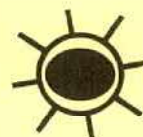
## Nos deforestan

fiebre  
Sin comida  
tuberculosis  
cuervos

lagarto  
terminando  
sapos y kuriyu  
ya no quedan lombrices

me consume alergias  
poca savia  
pudriéndose  
molesta la muela

ajo pa calmar el dolor  
limón, pomelo,  
banana y mamòn  
para la tos  
flor del mamón macho"



ANDREA PALMAR DE ALMEIDA, argentina,  
é microempreendedora em Assunção, PY.

AMANDA ENGEL é estudante  
de Enfermagem em Foz do Iguaçu, Pr.

DIEGUITO está desempregado.  
Vive em Barracón, AR.

JAZMÍN GUTIÉRREZ é paraguaia, tradutora  
e mediadora cultural. Vive em Pilar, PY.

MANO ZEU é poeta e DJ em Foz do Iguaçu, Pr.



## Mochilas e moradas, a dualidade entre os mundos

Nossa casa, "o corpo da alma" como diz Bachelard em 'Poética do Espaço', é realmente o lugar onde reinam nossa segurança, lembranças, raízes, memórias.

Quando a criança separa-se do seu vínculo familiar para chegar ao espaço escolar é a ruptura da segurança, é a realidade com novas cores e formas, questionamentos, outro mundo.

Se na ótica do adulto estar em outro espaço, que não nossa casa (mesmo que sejamos muito bem recebidos) já não é tão confortável, imaginemos esses seres que nunca estiveram em outra "casa" que não o seio familiar?

Porém, nós, pais, família, precisamos preparar nossos rebentos para serem abrigados em novos lares.

A escola na maior parte do mundo ocidental não é uma questão de escolha, sim uma obrigatoriedade. A escola é constituída nessas sociedades como o único espaço de saber. Para ser considerado culto é importante o saber acadêmico. Os bancos escolares são o único meio de ganhar notoriedade, são eles que permitem que o sujeito siga cidadão no conceito amplo da palavra se tiver estudo, como se diz.

A escola, então, será sua casa, seu abrigo, suas memórias, suas relações. Será nela que a criança formará sua independência, suas responsabilidades, seus questionamentos sem a interferência do seio familiar. Será nessa casa que suas conquistas pessoais acontecerão, será nessa casa que seus medos serão confrontados, as dúvidas serão discutidas sem amarras de conceitos pré-concebidos.

Nós, família, estamos desenvolvendo bolhas em nossos filhos. Palissy medita sobre "uma pequena lesma que construía sua casa e sua fortaleza com sua própria saliva". Estamos salivando. Lambendo as crias como se ali fosse o único lugar e com as únicas pessoas que possam estar.

Precisamos, com urgência, deixa-los viver. Conhecerem frustrações. Entender que o mundo gira e que as forças caminham além do que possamos controlar.

Nossos filhos não carregam suas próprias mochilas. Nossos filhos não sabem dizer não. Nossos filhos não sabem ouvir não. As famílias interferem. Acreditam na

escola sem partido. Falam por seus filhos. Os massacram com mil atividades. Não permitem que a liberdade seja uma escolha. Ócio é sinônimo de desatividade. Brincar é quando dá tempo e o tempo não espera. Fazer escolha não é uma opção. Selecionamos o que eles ouvem ou comem. O que a escola pode ou não oferecer.

A escola por sua vez, dá continuidade a esse processo. Em especial as privadas. Aulas ininterruptas de línguas, de assuntos sem conexões com a vida. Intervalos de 15 minutos que o você lancha ou você papeia. Faz o que os pais determinam como ideal para seus filhos. Não há discussões. Elas remetem a conflitos e eles não são saudáveis ao mundo cor de rosa.

Diante disso nossas crianças gritam por socorro. Pedem socorro de suas próprias famílias, de suas próprias escolas. De suas moradas físicas, de suas moradas corpóreas.

Finalizo essas linhas remetendo à "Baleia azul". Um jogo de consequências desastrosas. Mas são consequências das não escolhas. Dos pedidos de socorro. Da obrigatoriedade de estar incluído embora seja único. E como únicos se incluem? De não saber dizer não.

Não há culpados, há vítimas. Vítimas de uma desconstrução da liberdade. A escola não tem liberdade de ter suas propostas colocadas em prática. As famílias precisam ter liberdade de exercer seu papel. As crianças precisam de liberdade para pensar e agir.

O mundo azul reflete discussões latentes sobre a escuridão da liberdade movida a monitoramento.

Nossas moradas precisam ter cheiro, precisam ter Eu e não Eus. Precisam de individualidades. Em nossas moradas habitam seres que tem consigo a maior das moradas, as suas próprias, seus corpos, suas mentes. Não somos os outros, não somos espelhos, nem marionetes. Somos liberdade, somos moradas.

Deixemos nossas crianças serem elas. Com medos, anseios, questionamentos. Deixemos nossos filhos carregarem suas mochilas recheadas de descobertas e interrogações. Deixem que essas mochilas façam a ponte entre as moradas. Mochilas são moradas. Moradas são a história. E a história é a vida! ✨







# ideal

IND. GRÁFICA

Av. dos Imigrantes, 81 / Vila Yolanda  
**45 3523 7176 / 3028.7176**  
graficaidealfoz@gmail.com  
**www.graficaidealfoz.com.br**



# Kunda

Livraria Universitária

**Um amigo  
secreto saudável  
para sua mente.  
Sem agredir  
o seu bolso.**



Rua Almirante Barroso, 1473  
**(45) 3523-4606**



# ÓTICA CONCEITO

**Parcelamos em até 12X  
sem juros no cartão**

**Agora em dois endereços:**

Foz do Iguaçu: Rua Mal. Floriano Peixoto, 1455, Centro  
**Fone: 45-35724054**  
Santa Terezinha: Rua Primeiro de Maio, 129, Centro  
**Fone: 45-35412278**



# Alquimia Pescados

**Vida saudável tem que ter peixe na mesa!**

**Produção de peixe  
em tanque rede e pesca extrativa**

**Pacu, Bagre, Piau, Tilápia, Piapara, entre outros!  
Produtos oriundos da aquicultura familiar.**

**Peixes frescos, porções e cortes para receitas especiais  
Bolinhos e linguiça de peixe, de preparo exclusivo**

**Telefone: (45) 999575797**  
Rua Belém, 72 - Vila C Nova



SUA FAMÍLIA MERECE ESTA CHANCE.

# CARÊNCIA ZERO

PARA CLIENTES  
DE OUTROS PLANOS  
DE SAÚDE.\*



O plano de saúde Itamed está com uma promoção imperdível. Carência zero para você trocar agora o seu plano de saúde e contar com toda a estrutura do melhor hospital de Foz do Iguaçu, a maior rede de credenciados da região e atendimento de emergência em todo o Brasil.\*\* Itamed. A saúde da sua família merece o melhor.

**ANS nº 31.135-9**



\* Promoção Carência Zero exceto partos e doenças ou lesões preexistentes. Válida para clientes de outras operadoras, com produtos devidamente regulamentados, ativos por mais de 12 meses e com as mensalidades em dia.

\*\* Atendimento no Brasil pelo sistema ABRAMGE ou reembolso pelas tabelas praticadas. Planos empresariais a partir de 11 vidas. Promoção válida até 26/05/2017.

 **ITAMED**  
Plano de Saúde do  
Hospital Ministro Costa Cavalcanti

**Mude já (45) 3576-8005**

[www.itamed.com.br](http://www.itamed.com.br)